

## ENSINO DE FILOSOFIA: REFLEXÕES ACERCA DA OBRA DE EVANDRO GHEDIN

Alex de Mesquita Marinho\*

**Resumo:** A proposta da presente produção é a de suscitar uma discussão sobre como se configura a prática docente em filosofia no nível médio. A partir de uma revisão bibliográfica fundamentada, principalmente, no capítulo *Epistemologia da prática: a pesquisa e a escrita como condições para a autonomia no processo de aprendizagem da filosofia* contido na obra “Ensino de Filosofia no Ensino Médio” de Evandro Ghedin, buscou-se promover um diálogo com outros autores a respeito do ensino de filosofia e suas possíveis implicações, no sentido de compreender de que forma pode-se chegar a uma metodologia de ensino capaz de desenvolver o filosofar.

**Palavras-chave:** Ensino, Filosofia, Leitura, Escrita, Ghedin.

## TEACHING OF PHILOSOPHY: REFLECTIONS ABOUT THE WORK OF EVANDRO GHEDIN

**Abstract:** The proposal of the present production is to raise a discussion about how the teaching practice in philosophy at the middle level is configured. Based on a bibliographical review based mainly on the chapter *Epistemology of practice: research and writing as conditions for autonomy in the process of learning the philosophy* contained in the work "Teaching Philosophy in Higher Education" by Evandro Ghedin, it was sought to promote a dialogue with other authors regarding the teaching of philosophy and its possible implications, in order to understand how a teaching methodology capable of developing philosophy can be reached.

**Keywords:** Teaching, Philosophy, Reading, Writing, Ghedin.

### 1 Introdução

A temática do ensino de filosofia no nível médio brasileiro costuma gerar acalorados debates no que tange aos métodos de ensino e a relevância dessa disciplina na escola de massa. São bem conhecidos os reveses históricos que configuraram a atual situação da filosofia enquanto saber escolarizado. Tais questões sugerem

---

\* Mestrando em Filosofia pela UFPI. Especialista em docência do ensino Superior, Ensino de Filosofia no ensino Médio e Geopolítica e Relações Internacionais; Graduado em Filosofia e Pedagogia; Professor de Filosofia e Coordenador Pedagógico no Ensino Médio. E-mail: mesquitalex@gmail.com

constantemente uma atenção especial em relação à forma como a filosofia é apresentada aos estudantes do Ensino Médio e a maneira como ocorre seu ensino.

No sentido da necessidade de estabelecer um debate acerca de questões que impactam o ensino de filosofia, buscou-se realizar uma abordagem a partir da obra de Evandro Ghedin, com foco nas discussões que envolvem as implicações do método no ensino de filosofia, a utilização da leitura e da escrita como estratégias possíveis para uma prática docente em filosofia que objetive o desenvolvimento do filosofar e a prática da pesquisa nesse processo de ensino-aprendizagem com vistas à busca de um aluno autônomo.

A contribuição de Ghedin torna-se pertinente no sentido de criar uma atmosfera propícia à reflexão sobre o status adquirido pela filosofia nas instituições educacionais. Tal reflexão nos leva a observar que os métodos convencionais quando aplicados a esse ensino podem desviar a filosofia de sua essência enquanto saber ou ainda, reduzi-la a um mero conjunto de teorias complementadas pelo “achismo” dos alunos. Esboça-se a questão de uma metodologia para o ensino de filosofia.

O ambiente em sala de aula requer do professor de filosofia a utilização de meios que desenvolvam nos discentes a atitude filosófica. Esses meios podem partir de instrumentos comumente utilizados na prática docente, como a leitura e a escrita. Trabalhar com essas duas ferramentas no ensino de filosofia, além de promover o melhoramento de tais habilidades, oportuniza aos estudantes a construção de uma visão mais ampla acerca de sua realidade e lhes proporciona meios de interpretá-la, nesse sentido podemos nos questionar: como fazer essa utilização?

O trabalho docente em filosofia na perspectiva de Ghedin, se norteado pela prática da pesquisa, pode conduzir à ampliação dos conhecimentos, já que a pesquisa pressupõe o questionamento, a dúvida – elementos essenciais ao fazer filosófico.

Visando, então, as questões contidas na prática do ensino de filosofia, pretende-se engendrar discussões assentadas na obra de Evandro Ghedin num diálogo com outros autores no sentido de perceber os pontos problemáticos bem como as potencialidades existentes para a proposição de uma aprendizagem significativa em filosofia no Ensino Médio.

## **2 Reflexões sobre método e ensino de Filosofia**

Quando se analisa as práticas e métodos em filosofia, ao invés de encontrar uma que seja apropriada em qualquer circunstância, percebe-se que o caminho não é simples e que convém indagar as promessas de sucesso oferecidas por algumas mediações pedagógicas e assumir uma postura de desconfiança diante dela, antes mesmo de aceitá-la com brevidade.

Método é um procedimento organizado que conduz a determinado resultado, no caso do educador, esta contribuição vem sob a forma de técnica de ensino. A questão é que o problema do método tem sido recorrente, especialmente nas ciências humanas contemporâneas, pois há uma crença de que ele será capaz de suprir o que diz respeito à elaboração, produção e organização do saber.

Vivemos momentos de urgências por respostas práticas que atendam às demandas sociais, ao invés de copiarmos os modelos dos filósofos gregos antigos que questionavam sobre o “*porquê*” das coisas, imediatamente a pergunta é “*como*”, pois a brevidade é por uma intervenção.

Em filosofia, não são as repostas que movem o conhecimento, mas as perguntas é que alimentam o interesse por novidades, por esta razão, as repostas dadas em outros momentos têm muita relevância para a construção de outras novas, pois é “pensando sobre o já pensado” que aprendemos com seus erros e trilhamos novas propostas.

A filosofia não deve ser encarada como um objeto distante do aluno, mas ao contrário, ela é viva, faz seus propósitos percorrerem o cotidiano do estudante, faz com que este mergulhe em reflexões e se lance também na compreensão da fundamentação filosófica. Mas e em relação ao método: ele sempre existiu? Sempre foi do mesmo modo ou mudou com o tempo? À filosofia cabe a preocupação com um método específico? Neste caminhar, Ghedin afirma que em vez de dar-lhe uma resposta, irá apenas questionar sobre a possibilidade de examinar esses problemas, mas de modo particular, sua pretensão é a de direcionar nosso modo de ensinar.

Quando o aluno não percebe a filosofia como algo exterior e inalcançado por ele, sente que ela passa a fazer sentido e amplia seu conhecimento, passando a perceber-se na dialética entre o eu, a filosofia e as coisas do mundo. Segundo Paviani:

O conhecimento em sua primeira manifestação, em sua gênese, não é visto como representação do objeto ou do mundo. A filosofia precisa aprender o objeto e o mundo antes de serem dados através da representação do conhecimento teórico. O ponto de partida da investigação filosófica [...] não é o do cientista ou o do filósofo tradicional. Seu lugar situa-se no horizonte da gênese do sentido e da significação e, em consequência, a tarefa do filósofo é a de reaprender a ver o mundo, de manter um diálogo e uma meditação infinita, fiel e coerente à sua intenção, embora não tenha certeza de seu ponto de chegada, não por ignorância ou por falta de perspectiva, mas porque a investigação [...] caracteriza-se por um “inevitável inacabamento”. Esse inacabamento não é defeito, como podem pensar os positivistas de diversas tendências. Ao contrário, realiza a vontade expressa de buscar o sentido do fenômeno, do mundo, da história e da existência em estado nascente<sup>1</sup>.

O método deve organizar os dados de modo a transformá-los em aprendizagem significativa e esta em conhecimento, considerando sempre os enfoques culturais e históricos, em outros termos, método é um modo de compreender melhor as coisas em nossas representações mentais, a partir de um percurso organizado.

O método, segundo muitos pensadores e cientistas, é uma grande aposta porque pode “garantir” a qualidade e a validade da pesquisa, pois permite a clareza e demonstração do objeto em estudo. Um dilema então surge: que método seria capaz de responder pela melhor forma de se trabalhar filosofia nas escolas do ensino médio no Brasil? Há um método para o ensino de filosofia? A tradição filosófica do século XX não teria esgotado o sentido do método? Ghedin não responde a estas perguntas, mas acrescenta outras e diz que há uma espécie de crise de geração, acreditando que as novas gerações são carentes de pensamento autônomo e, por esta razão, têm dificuldade de confirmar a construção de seu próprio pensamento.

Ghedin demonstra preocupação com o momento de irreflexão vivido por muitos, de modo particular por aqueles que se curvam diante dos paradigmas de uma cultura de massificação, de uma indústria cultural muito presente e que nos obriga a desejar e pensar segundo seus interesses, tornando-nos seres mercadológicos. Diante disto, é papel da educação, da filosofia, da escola, e por que não da família, fazer o adolescente refletir sobre suas práticas, compreender o significado e a intenção que cada coisa

---

<sup>1</sup> Paviani, J. *Formas do dizer: questões de método, conhecimento e linguagem*, p. 10.

possui e isso só é possível pelo conhecimento, pois ele é capaz de nos fazer perceber o envoltório que nos rodeia e que nos leva a pensar e agir iguais a todos os outros. O papel de resgatar os alunos desta condição é também da Filosofia, mas não apenas dela, é mister que haja uma força tarefa de toda a sociedade a fim de sanar estas questões e reforçar seu interesse numa humanidade mais justa, igual e melhor. A filosofia é capaz, claro, de interpretar os dados sociais e compreender como algumas forças dominantes se estruturam e agem em nosso meio, que interesses possuem e por que não é fácil desintegrá-las.

Segundo Gamboa, os recursos teórico-metodológicos devem estar claros e bem definidos no processo de investigação, contudo o autor alerta para o fato de que não há instrumental apropriado para este tipo de análise, até mesmo a própria ciência possui limitações em seus instrumentos, especialmente as ciências naturais e exatas, que quando aplicadas às análises de segunda ordem ou metacientíficas, se tornam inadequadas. Mas que critério adotar a fim de amenizar esta situação? Segundo o autor, muitos acabam recorrendo a outro tipo de instrumental analítico identificado com os conceitos de modelos, mapas, arquétipos, metáforas e esquemas conceituais ou paradigmas<sup>2</sup>.

A eficácia da pesquisa em educação aponta que o pesquisador faça uma boa escolha dos métodos que serão utilizados em sua investigação para que consiga superar a forma acrítica como muitas vezes vêm sendo utilizados, inclusive, desconhecendo seus pressupostos e implicações.

A missão de pensar os pressupostos epistemológicos e metodológicos do ensino de filosofia é um compromisso que deve ser assumido por todo professor desta disciplina, impreterivelmente. Os problemas relacionados a esta área do conhecimento não esbarram por aqui, o professor de filosofia além de ter que dar conta dos conteúdos a serem trabalhados, deve compreender também o seu método de produção e de transmissão, apesar destas e outras preocupações, este profissional também vai se deparar com o descrédito da disciplina por parte de alguns alunos e, por isto, seu desinteresse.

---

<sup>2</sup> Gamboa, S. S. *Pesquisa em educação: métodos e epistemologias*, p. 71.

A questão do método tem ainda duas implicações, uma positiva e outra que restringe nosso modo de agir. É positiva porque nos concede uma visão mais ampla à medida que suscitam novos problemas ainda não enfrentados, restringe porque especificam o contexto fazendo com que sejamos levados a pensar as propostas tendo em vista o respeito aos limites que foram postos. Esta situação não pode ser deixada de lado, não se pode deixar de enfrentar esse problema porque ele vai nos orientar no caminhar, é ele que vai contribuir com uma direção e assumir politicamente a direção de um sentido e significado social da Filosofia no âmbito escolar.

O professor de Filosofia não deve se deixar intimidar pelos problemas que ameaçam a disciplina, seu reconhecimento e metodologia, pois quando ele decide enfrentá-los acaba ampliando as possibilidades e enxergando novas propostas surgidas durante o processo. A filosofia é primordial nas discussões diárias, e não apenas no espaço acadêmico, ela está sempre envolvida em debates sobre pontos-chaves de nossa formação cidadã, sobre a justiça, a ética, o direito, a política, da construção da democracia etc., portanto não pode ser desmerecida e muito menos abandonada. O compromisso da Filosofia perpassa por um envolvimento público com o destino da cidade e de seus cidadãos, da construção de uma sociedade civil organizada e comprometida com o bem-estar social e que não apenas obedece às leis, mas, sobretudo, discute sobre elas e compreende suas necessidades.

O método em filosofia não deve ser encarado como algo pronto, acabado e engessado, mas que vai se delineando ao longo da caminhada escolar, que vai se moldando às necessidades e, através de sua prática reflexiva, procura entender e dar mais sentido à vida, à existência, às relações, à coletividade e outros. Portanto, não se trata propriamente dito de um método em Filosofia, mas de uma caminhada filosófica que nos auxilia a compreender quem somos e, ao mesmo tempo, compreender o que são as coisas em suas relações estabelecidas culturalmente. A ideia de método coincide com a própria experiência do pensamento que, por sua vez, deve ser trabalhada com os jovens.

A prática do professor deve ser bem pensada e elaborada, os temas que serão trabalhados em sala devem ser cuidadosamente direcionados, pois não se pode trabalhá-

los de qualquer maneira, nem se pode pensar a metodologia de modo isolado, mas como parte integrada e precisa para que a engrenagem funcione como esperado. O ponto de partida para seu ensino deve ser a realidade e o ponto de chegada deve ser o entendimento da caminhada e a construção do pensar crítico.

Pagni, preocupado com o modo de pensar filosofia, traz à tona a questão do ofício do professor que deve ser analisada a partir de seu contexto e contingência em sua prática, por isso sugere que seja repensado o papel do professor, de modo cuidadoso e sensato, compreendendo suas angústias em ensinar a disciplina além de se adequar às transformações sofridas pela própria educação ao longo do tempo. O autor atenta que a partir de Nietzsche, Adorno e Lyotard começou-se a se refletir com maior rigor em relação às propostas educacionais “impostas”, apresentando agora um modelo de “resistência” em relação às verdades instituídas e especialmente em relação ao ensino de Filosofia.

Como os professores de filosofia poderiam filosofar para que o aprendiz também fosse despertado para tal, diante de uma situação em que a determinação da cultura só ampliou a deformação profissional daqueles e apenas auxiliou a sufocar a disposição destes para aprender a pensar criticamente o tempo presente?<sup>3</sup>

Sobre esta questão, Ghedin diz que:

O desafio é educar as crianças e os jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo. Tal objetivo exige esforço constante de diretores, professores, funcionários e pais de alunos<sup>4</sup>.

Pode-se entender que o ato de educar exige sacrifícios, maneiras e meios que devem passar por constantes aprimoramentos para que se possam acompanhar as mudanças relacionadas ao ensinar e aprender, e assim, proporcionar o desenvolvimento humano em todos os aspectos exigidos pela sociedade contemporânea.

---

<sup>3</sup> Pagni, P. A. Os limites e as discretas esperanças do ensino da filosofia: da questão da educação dos educadores aos temas reativos ao amor e à infância no pensamento contemporâneo, p. 227.

<sup>4</sup> Ghedin, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*, p. 12.

Essas mudanças forçam para que os profissionais da educação estejam sempre atentos e procurem se adaptar às novas aprendizagens, buscando subsídios que deem suporte, que melhorem a sua formação, reforçando as suas preparações técnicas, científicas e pedagógicas, que proporcionem o desenvolvimento que os tornam capacitados para aplicar uma prática contundente, de acordo com as exigências atuais.

Ghedin, na tentativa de direcionar a questão do método do ensino de Filosofia, mas longe de formatar um modelo padrão, faz três propostas: a primeira delas é valorizar adequadamente os objetivos instrumentais, pois eles estão ligados aos conteúdos ensinados na escola por meio da Filosofia, sem contar que, no caminho da cultura, existem conteúdos altamente significativos que não podem ser desconsiderados; a segunda proposta é de trabalhar os conteúdos de Filosofia relacionados aos temas atuais, trabalhando-os criticamente; já na terceira proposta, a sugestão é trabalhar os temas filosóficos de modo contextualizado, vinculados com a problemática histórica e cultural que os origina e constitui. Levando em conta estes critérios, é pertinente à Filosofia tratar os temas da História da Filosofia, da História das Ciências, da História da Cultura, que podem promover uma motivação mais desafiadora e melhores resultados teóricos à medida relacionados às nossas questões contemporâneas.

Em suma, é propiciar um estudo de filosofia capaz de envolver discussões e superar os velhos modelos de ensino, lançando-se a um novo projeto pedagógico que favoreça tanto um pensamento crítico quanto aqueles capazes de transformar a realidade, o mundo, a sociedade, a economia, a política e a cultura da qual somos integrantes.

### **3 A leitura e a escrita como ferramentas para o ensino de Filosofia**

O ensino de filosofia apresenta-se no Ensino Médio como uma maneira de desenvolver nos estudantes a criticidade a partir de conteúdos obtidos da tradição histórica da filosofia. Mais do que apropriar-se de conhecimentos específicos, essa disciplina deve proporcionar aos aprendizes o desenvolvimento de um estilo próprio de pensamento, buscando a compreensão da realidade que os norteia com vistas a interferirem conscientemente na mesma.



Ensinar filosofia no nível médio brasileiro torna-se um desafio visto que a disciplina ainda passa por um processo de consolidação no contexto escolar, devido os problemas que envolvem seu ensino na história da educação brasileira. Dessa forma, faz-se cada vez mais necessária a busca por estratégias que possibilitem um ensino de filosofia realmente filosófico e não apenas conteudista, afinal “o ensino de filosofia na educação média tem suas especificidades e não pode ser simplesmente a transposição do ensino universitário simplificado e/ou diminuído”<sup>5</sup>.

Ao adentrar os currículos educacionais e inserir-se no ambiente escolar enquanto disciplina, a filosofia acaba por agregar a si instrumentos pedagógicos necessários a toda prática docente. O fato de a filosofia ter o status de disciplina na escola de massa pressupõe que esta deva partir de referenciais didáticos em seu processo educativo, bem como de metodologias que possam viabilizar um ensino que busque alcançar os objetivos almejados.

Para tanto, o professor de filosofia tem de despertar para a utilização de tais instrumentos de forma que possam ser mediadores na construção do saber filosófico por parte dos alunos. Nesse sentido, sugere-se abordar a leitura e a escrita como ferramentas que despertem nos discentes a atitude filosófica.

### **3.1 Leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem em filosofia**

A tradição filosófica - seu cânon - chegou até nós por meio dos textos escritos por filósofos em diferentes épocas. Da Antiguidade à Pós-Modernidade temos acesso ao conhecimento filosófico através da leitura de textos filosóficos que, conseqüentemente, mediam discussões acerca de diferentes problemas, bem como o diálogo e o confronto para a formulação de conceitos. Platão nos apresenta Sócrates através de sua obra escrita; os medievais como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino desenvolveram sua filosofia a partir do contato com textos de filósofos clássicos; para formular sua teoria materialista Marx deparou-se com o método contido na obra de Hegel.

Sendo assim, ao propormos um ensino de filosofia no Ensino Médio, tendo a noção da presença indispensável de textos filosóficos para esse processo educativo,

---

<sup>5</sup> Rodrigo, L. M. *Filosofia em sala de aula: teoria e pratica para o ensino médio*, p. 3.

acabamos por presumir que a prática da leitura e, posteriormente, da escrita se fazem indispensáveis a um ensino filosófico.

A prática da leitura desenvolve nos indivíduos não apenas competências cognitivas, mas também uma capacidade mais ampla que podemos denominar como “leitura de mundo”. Sobre isso afirma-se que

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (a palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele)<sup>6</sup>.

Nessa ótica, ler não é apenas decifrar códigos. É também associação daquilo se aprende (a palavra) com o contexto ao qual se está inserido, através das experiências de vida.

Em relação ao ensino de filosofia, a leitura e a escrita precisam ser encaradas como maneiras através das quais os estudantes podem desenvolver habilidades mais elaboradas no que diz respeito ao pensamento, discurso e argumentação.

A leitura e a escrita são formas de aprendizagem que devem ser privilegiadas pela Filosofia no espaço escolar, especialmente porque funcionam como um meio estruturado para gerar conhecimento e construir um pensamento lógico<sup>7</sup>.

Ao utilizarmos a leitura e a escrita como suporte para o ensino de filosofia, não estaremos ensinando aos discentes a “melhor” maneira de ler ou escrever, mas sim fazendo com que adquiram meios necessários ao desenvolvimento da capacidade crítico-reflexiva, analítica, argumentativa e dando a esses aprendizes a oportunidade de tornarem-se sujeitos ativos em seu próprio processo de ensino, repensando o mundo por meio da leitura e produzindo através da escrita.

Ainda sobre a importância do uso desses instrumentos, Ghedin assinala que “Certamente o movimento da escrita, associado à leitura, exige do estudante de Filosofia um duplo pensar, exercido pela responsabilidade de expressar o conteúdo do

---

<sup>6</sup> Freire, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, p. 23.

<sup>7</sup> Ghedin, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*, p. 155.

pensamento numa linguagem determinada”<sup>8</sup>. Isso significa dizer que ao se trabalhar a leitura e a escrita como estratégias de desenvolvimento do pensamento filosófico, o estudante realizará uma dupla tarefa, pois o exercício de ler o levará a uma ampliação de suas perspectivas. A partir do momento em que tiver contato com obras de filósofos que desenvolveram conceitos baseando-se em seus contextos específicos, isso fará com que o aluno perceba como se obteve determinada concepção de mundo e isso poderá conduzi-lo a uma melhor percepção de seu entorno. Além dessa ampliação, com o auxílio da escrita, irá expressar seu entendimento acerca de suas percepções, não como mera tarefa exigida em sala, mas, sobretudo de forma consciente.

Além de desempenharem papel importante para o desenvolvimento do pensamento filosófico, a leitura e a escrita também estão relacionadas à atividade comunicativa, que também se faz necessária para a aprendizagem em filosofia. Assim destaca-se que

A leitura e a escrita são elementos essenciais ao processo de ensino aprendizagem, ao processo de construção do conhecimento. Educação é comunicação e a leitura e a escrita são formas destacadas de comunicação. Assim, no que tange à atividade filosófica em sala de aula, a leitura e a escrita são mediações fundamentais para o desenvolvimento do modo filosófico de pensar<sup>9</sup>.

A construção do conhecimento filosófico é marcada pelo diálogo, pelo discurso, sendo assim a comunicação também precisa ser desenvolvida no seu processo de ensino e por meio da leitura e da escrita podemos alcançar tal objetivo.

Sabe-se que, de fato, muitos alunos adentram o Ensino Médio sem possuir a habilidade de leitura e escrita necessárias às exigências desse nível de ensino. Todavia, cabe ao professor de filosofia desenvolver formas de conduzi-los na prática de leitura, mesmo que não se utilizem apenas textos filosóficos originais, sendo que estes podem ser inseridos gradativamente dependendo do desenvolvimento que os estudantes demonstrem. Textos com uma linguagem mais acessível, porém de caráter filosófico podem ser utilizados, pois estes também possuem condições de despertar nos discentes

---

<sup>8</sup> Ghedin, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*, p. 153.

<sup>9</sup> Vieira, W. J.; Horn, G. B. *O sentido e o lugar do texto filosófico nas aulas de filosofia do Ensino Médio*, p. 51.

a capacidade de leitura da realidade. É importante saber que nem sempre o trabalho com textos puramente filosóficos origine uma leitura filosófica, portanto precisa-se saber que a forma como os textos são abordados é que vai determinar se ocorrerá ou não a gênese da atitude filosófica.

Em se tratando do ato de escrever, a partir do momento em que os alunos estão imersos na dimensão da leitura, pode-se estabelecer um ambiente propício à escrita, porém não qualquer tipo de escrita, mas sim a uma prática de produção e registros argumentativos, conceituais. O professor tem à sua disposição um conjunto de estratégias que podem levar os alunos a escrever partindo de sua prática de leitura e como conseguem associá-la às questões filosóficas. Lídia Maria Rodrigo sugere uma prática que ela denomina de carta argumentativa:

[...] exercício interessante é a *carta argumentativa*, escrita com a intenção de persuadir um destinatário específico sobre determinado ponto de vista, ou de movê-lo do ponto de vista defendido por ele e que o autor da carta considera equivocado. Diferentemente do texto dissertativo, que é redigido a um interlocutor universal, a carta argumentativa está orientada para um interlocutor específico, o que pode facilitar a escolha dos argumentos<sup>10</sup>.

Esse recurso proposto demonstra que a escrita em relação ao ensino de filosofia vai muito além de simples produções textuais, muitas vezes superficiais ou repletas de “achismos”, onde a coerência está muito aquém do ideal. Percebe-se então que a ato de escrever pode tornar-se um meio que desenvolva a capacidade argumentativa, de resolução de problemas.

Fica claro que a utilização da leitura e da escrita pode vir a desenvolver durante as aulas de filosofia a atitude filosófica. O potencial desses dois elementos precisa ser explorado e eles precisam ser colocados aos estudantes como importantes ferramentas de construção do saber e não como atividades obrigatórias. “Para que a leitura e a escrita cumpram seu papel no ensino-aprendizagem de Filosofia, devem ser

---

<sup>10</sup> Rodrigo, L. M. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*, p. 86.

apresentadas aos estudantes como um desafio cognitivo, e não como uma atividade mecânica”<sup>11</sup>.

A importância da leitura e da escrita para o ensino de filosofia vai muito além da aprendizagem dessas duas habilidades, pois se encontra na oportunidade que essas práticas dão ao desenvolvimento de um ensino filosófico. A respeito dessa importância ressaltamos que

Os textos filosóficos representam a memória da construção filosófica do ocidente, também a leitura e a escrita são as formas de expressão mais estáveis ocupando assim lugar de destaque quando se trata do ensino de filosofia. A relação direta e constante com os textos clássicos de Filosofia é algo necessário, fundamental, pois desenvolver um pensamento pela confrontação de outros pensamentos é o único caminho para que se efetive com qualidade o ensino de filosofia<sup>12</sup>.

Corroborando com tal importância, Ghedin diz que “[...] o desenvolvimento da leitura e da escrita como ‘instrumentos’ fundamentais do filosofar permite à pessoa continuar aprendendo autonomamente em uma multiplicidade de situações”<sup>13</sup>. Dessa forma, a leitura a escrita para a prática do ensino de filosofia pode gerar um saber e uma atitude que perpassa a sala de aula e reverbere no meio social, através da criticidade própria que a filosofia pode desenvolver alicerçada pela atividade de leitura e escrita.

#### **4 A pesquisa como mediação no ensino de Filosofia**

Os assuntos que abrangem a pesquisa e a construção do conhecimento autônomo do aluno têm sido alvo relativamente recente de discussões, evidenciando as contradições colocadas pelo alargamento argumentativo que vem ocorrendo no campo metodológico com ênfase ao ensino de Filosofia, uma vez que se analisa a necessidade pela reestruturação curricular e metodológica.

Nesse contexto, torna-se necessário compreender que a pesquisa na sala de aula é um elemento mediador para a construção do conhecimento autônomo do aluno e

---

<sup>11</sup> Ghedin, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*, p. 153.

<sup>12</sup> Vieira, W. J.; Horn, G. B. *O sentido e o lugar do texto filosófico nas aulas de filosofia do Ensino Médio*, p. 53.

<sup>13</sup> Ghedin, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*, p. 154.

caracterizando o mesmo como um sujeito – pesquisador, sendo que é uma exigência do contexto social em que vivemos buscarmos a autonomia como caminho que possibilita a construção da cidadania e uma sociedade democrática.

Ressalta-se que a escola é uma instituição social que tem o papel de contribuir com a construção do conhecimento autônomo do aluno, tanto no aspecto social quanto pessoal, portanto, a escola deve buscar dimensões que integrem o ato educativo com metodologias que impulsionem o corpo docente em repensar as práticas de ensino. Sendo que o processo de construção do conhecimento autônomo do aluno não se refere à produção científica, mas à finalidade que o conhecimento vivenciado na escola deverá possibilitar ao aluno a construção livre do conhecimento que poderá refletir em suas vivências pessoais, mas, priorizando a responsabilidade social.

Dessa forma, Ghedin argumenta que “O processo de ensino de Filosofia e de outras disciplinas deve desenvolver-se orientado pelos padrões da pesquisa, e não apenas pela transposição didática”<sup>14</sup>. Sobre essa argumentação, o processo de construção do conhecimento autônomo do aluno deve se constituir como a necessidade de promover a pesquisa na sala de aula, da qual o professor deve mediar pela pesquisa para que se possa superar os resquícios de uma assimilação padronizada do conhecimento.

Logo, a pesquisa na sala de aula deve ser então arquitetada pelo professor como espaço aberto à concretização do conhecimento, mobilizando o aluno para entender que a construção do conhecimento autônomo é um projeto que requer atuações coletivas.

Por conseguinte, o processo de pesquisa na sala de aula tem como bases desenvolver-se inicialmente por meio dos questionamentos, da construção dos argumentos e pela comunicação. Nesse contexto, o questionamento é uma parte integrante do processo de construção do conhecimento autônomo, do qual o professor deve atuar como um pesquisador e não como o protagonista, mas instigar os alunos a pesquisa e ensejando novas experiências.

Nessa conjectura, o argumento é a formação ativa da reflexão que possibilita o aluno a atingir novos patamares e ascendendo a comunicação e a interação na sala de aula, proporcionando ao aluno uma atitude construtivista, que se justifica como um

---

<sup>14</sup> Ghedin, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*, p. 170.

processo de ensino dialógico, participativo e interativo. Importante destacar nesse cenário a contribuição de Freire que expressa: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”<sup>15</sup>.

## 4.1 A perspectiva de inserção da pesquisa na sala de aula

Torna-se fundamental a construção do conhecimento autônomo do aluno através da pesquisa como uma forma de superar a reprodução e a repetição do conhecimento, logo, o ambiente escolar deve proporcionar condições que fortaleçam a pesquisa, como a organização da escola, as metodologias de ensino na sala de aula, a intensificação pela realização de projetos de pesquisas como preliminares aproximações com as produções acadêmicas no próprio ambiente da escola criando um espaço para novas experiências e a alocação de novos pesquisadores que serão os próprios alunos com a autenticidade do conhecimento que advém pela leitura e a escrita como instrumentos imprescindíveis.

A conquista da autonomia na construção do conhecimento na escola permite que o aluno comprometido com o esclarecimento das questões da sua época, interaja através da articulação ensino-pesquisa-extensão, com os diversos campos do conhecimento, conjugando os saberes necessários à superação da visão de mundo ingênua.

Inserir a perspectiva da pesquisa na sala de aula é um desafio concreto em razão das mudanças que se iniciam com a nova visão sobre o papel do professor que atuará como um construtor/mediador que utilizará do processo investigativo investindo num esforço contínuo de mudanças estruturais que acolham e facilitem, no ambiente escolar, o desenvolvimento de novas posturas em relação ao processo de ensino-aprendizagem, onde a pesquisa se estabeleça como parte importante do cotidiano escolar.

Assim, os alunos se familiarizarão com os processos que integram a prática da pesquisa como uma forma privilegiada para conhecer a realidade – aprendendo a desenvolver competências fundamentais à sua autonomia como: capacidade de argumentação, habilidade para observar/olhar o ambiente à sua volta, capturando

---

<sup>15</sup> Freire, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, p. 52.

sensivelmente aspectos que os ajudem a perceber e interpretar a realidade com maior independência de crítica e inserindo a pesquisa como um princípio educativo.

O desenvolvimento dessa perspectiva intensifica a sugestão pela aproximação dos alunos com a realização de projetos de pesquisa que segundo, Ghedin acredita-se que: “A organização dos projetos de trabalhos baseia-se essencialmente numa concepção global de ensino e é experimentada como um processo mais interno”<sup>16</sup>.

Ressalta-se assim com o pensamento de Ghedin que o projeto de pesquisa promove o intercâmbio do conhecimento de maneira coletiva e priorizando a concretização da atuação da pesquisa na escola, portanto, os professores deverão instigar e orientar os alunos na elaboração de projetos de pesquisa com a seleção de tema definido pelo interesse dos alunos e a própria responsabilidade social mediante a esquematização e a estruturação das ações que serão realizadas, priorizando a busca por informações e possibilidades de novas experiências.

No decorrer dos posicionamentos, torna-se coerente que a pesquisa é um elemento mediador para a promoção de autonomia e emancipação do aluno no cenário da sala de aula e transferindo-se para os espaços além das paredes da escola, esclarecendo que através de questionamentos que destacam significativamente os fatores que revigoram a necessidade do professor se tornar um mediador/construtor ao exercício da docência.

Confirma-se a necessidade por mudanças metodológicas na sala de aula e a compreensão que a autonomia não pode ser abrangida apenas como uma competência individual ou uma qualidade precedente à ação do ser humano, mas como uma característica circunstanciada ao ambiente cotidiano e social em que vivemos e que deve ser construída, através das relações que nos certifica a assumir decisões pelas quais somos socialmente responsáveis.

## 5 Considerações finais

---

<sup>16</sup> Ghedin, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*, p. 180.



Notadamente, as provocações e sugestões propostas por Evandro Ghedin nos conduzem à ampliação de nossas argumentações acerca das reflexões sobre o ensino de filosofia no Ensino Médio.

A tarefa de ensinar essa disciplina torna-se difícil num contexto escolar onde os alunos estão inseridos com pouco desenvolvimento de habilidades básicas à aprendizagem de qualquer área do saber. Nesse sentido, o docente em filosofia encontra-se imerso na tarefa de buscar desenvolver métodos que possam levar os estudantes ao aprendizado da disciplina levando em consideração suas limitações.

A metodologia empregada no ensino de filosofia pode tornar-se responsável por aquilo que os alunos concebem enquanto saber filosófico. Caso o professor opte por uma abordagem conteudista, pode-se concluir que a filosofia é um conjunto de saberes acumulados historicamente. Dessa forma, percebe-se que o método implica diretamente na concepção de filosofia dos alunos.

Pensando nisso, a prática da leitura e da escrita como mediadoras e construtoras da atitude filosófica podem ser concebidas como uma possível estratégia que fomente nos alunos o gosto pela leitura e, conseqüentemente, o trato de textos filosóficos bem como a habilidade de escrever a partir das construções baseadas nas inquietações provocadas pela leitura.

No que tange à pesquisa no processo do ensino de filosofia, um dos benefícios apontados por Ghedin pode ser a superação de um ensino meramente reprodutor, no qual o professor se apropria de sistemas e teorias filosóficas no intuito de transmiti-las aos estudantes para que estes possam assimilá-las. Essa superação pode ser percebida através das indagações provocadas pela pesquisa, que exige a busca pela produção de conhecimento alicerçada na leitura de obras confrontando-as com a realidade e sintetizando o resultado dessa atividade através da escrita.

Portanto, discutir a respeito do ensino de filosofia no Ensino Médio não consiste somente em destacar suas problemáticas encontradas no ambiente escolar ou buscar uma justificção para a presença da filosofia na escola. Refletir sobre essa prática docente implica, também em propor meios que levem o professor dessa disciplina a desenvolver um ensino baseado na apropriação do ato filosófico por parte dos alunos no

sentido de adquirirem um aprendizado significativo que, conseqüentemente, os transforme em sujeitos autônomos em meio ao seu próprio processo educativo.

## Referências Bibliográficas:

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias.** 2 ed., Chapecó: Argos, 2012, p. 01-136.

GHEDIN, E. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio.** São Paulo: Cortez, 2008 (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

PAGNI, P. A. Os limites e as discretas esperanças do ensino da filosofia: da questão da educação dos educadores aos temas reativos ao amor e à infância no pensamento contemporâneo. In: GALLO, S; DANELON, M; CORNELLI, G. **Ensino da filosofia: ensino e prática.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

PAVIANI, Jayme. **Formas do dizer: questões de método, conhecimento e linguagem.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

PEIXOTO, E. S. **Ler, escrever, ouvir, pensar e falar criticamente: uma contribuição da Filosofia para a formação discente no Ensino Médio integral.** Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/ler-escrever-ouvir-pensar-e-falar-criticamente-uma-contribuicao-da-filosofia-para-a-formacao-discente-no-ensino-medio-integral>>. Acesso em 11/07/17.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula: teoria e pratica para o ensino médio.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

VIEIRA, W. J.; HORN, G. B. **O sentido e o lugar do texto filosófico nas aulas de filosofia do Ensino Médio.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/download/23828/14027>>. Acesso em: 11/07/17.